



Etnografia como método de pesquisa sobre Comunicação e Informação: uma experiência com assentados da Amazônia mato-grossense¹

Gisele Souza NEULS²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever aspectos do método de pesquisa etnográfica e avaliar sua pertinência para estudos no campo da Comunicação e Informação. Para isto, relata a experiência de aplicação do método em uma pesquisa em andamento sobre uso e apropriação de informações sobre técnicas produtivas de baixo impacto ecossistêmico realizada com agricultores do assentamento Entre Rios, no município de Nova Ubiratã, Mato Grosso. Conclui que o método vai permitir a análise da relação dos assentados com uma nova técnica produtiva, qual o lugar desta técnica em suas rotinas e como as informações recebidas são apropriadas no cotidiano das famílias

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; informação; etnografia; agricultura familiar, meio ambiente

1 Introdução

A metodologia de análise qualitativa baseada no método etnográfico tem sido bastante utilizada na pesquisa em Comunicação seja sob a forma de observação participante, pesquisa etnográfica, etnografia de mídia, etnografia de audiência ou etnografia de recepção (PERUZZO, 2009). O método permite que o pesquisador se insira no grupo de forma que possa acompanhar e viver a situação estudada, perceber padrões de comportamento e observar práticas culturais, tais como as práticas de lida com a terra e a relação com o ambiente.

Tal como a agricultura não se resume a uma prática produtiva, a relação com o ambiente também pode ser entendida como lugar de práticas culturais. A relação homem-natureza, para além da dependência ecológica, é uma relação mediada pela cultura. As ideias sobre o que é a natureza estão profundamente relacionadas com visões culturais que ora a veem como mãe, ventre fértil, coisa viva e dotada de *ânima*; ora a veem como máquina em perfeito funcionamento mecânico, passível de compreensão experimental e matemática, para citar duas visões mais comuns (SHELDRAKE, 1993).

Assim, o uso e apropriação dessas informações sobre meio ambiente e boas práticas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação e Informação da UFRGS, e-mail: gisele.neuls@gmail.com



agrícolas por agricultores familiares é mediado por sua cultura e pela relação com o ambiente em que vivem. Dessa forma, a pesquisa etnográfica mostra-se adequada para este tipo de investigação.

2 O contexto da pesquisa: agricultura familiar na Amazônia mato-grossense

Desde a Revolução Verde a difusão de informações técnicas e agronômicas para agricultores é um campo de trabalho fértil para extensionistas e comunicadores. Criticado por Paulo Freire já no final da década de 1960, o modelo difusionista ainda é comum nas práticas de comunicação para agricultores. Na Revolução Verde, a extensão rural estava preocupada em aumentar a produtividade no campo através da introdução de maquinário, sementes produzidas industrialmente e tratamentos culturais baseados em agroquímicos (GIRARDI, 2001).

Hoje, o acúmulo de conhecimento sobre os impactos ambientais do modo de produção da agricultura moderna sobre os ecossistemas reconfigura a extensão rural, pelo menos no âmbito do terceiro setor e dos movimentos sociais. O desafio posto, especialmente no que tange a agricultura familiar, é ajudar os agricultores a se desenvolverem com o menor impacto possível em seus ecossistemas e, se possível, contribuindo com a conservação e restauração destes recursos.

O caso de Mato Grosso ilustra bem tanto as dificuldades quanto a urgência de se efetivarem políticas públicas adequadas para a conservação e para o desenvolvimento que respeitem os limites ecossistêmicos. Existem 189 assentamentos da reforma agrária na região conhecida como arco do desmatamento e do fogo³, segundo dados do Incra, apenas um com licença ambiental. Grande parte das famílias assentadas na região provêm das regiões sul e sudeste do país, migrantes expulsos pelo processo de concentração da propriedade e mecanização das lavouras nessas regiões nos anos de 1960 e 1970, submetidos a um *continuum* de exclusão dos meios rural e urbano.

O uso do solo se limita a pastagens para criação extensiva de gado, plantação de arroz, milho, soja e culturas de subsistência. Assentados em uma região de clima, vegetação e solos radicalmente diferentes das suas regiões de origem, precariamente atendidos pelos serviços de assistência técnica agronômica, e morando em áreas com infraestrutura precária, essas populações vivem em estado de pobreza e,

³ O arco do desmatamento e do fogo é uma região delimitada pelas áreas de influências das rodovias BR-230, a Transamazônica, e BR-163, que liga Cuiabá (MT) a Santarém (PA).



inevitavelmente, contribuem com a degradação ambiental.

As políticas públicas de desenvolvimento com baixo impacto ecossistêmico existentes para a Amazônia Brasileira são recentes e carecem de uma avaliação aprofundada. Há um conjunto de projetos e iniciativas no âmbito do Ministério do Meio Ambiente⁴, reunidas sob a bandeira do desenvolvimento rural sustentável e agroextrativismo, cujo princípio é o fomento a atividades que aliem geração de renda, valorização das culturas locais e conservação dos recursos naturais. Entretanto, elas não são capazes de abranger uma porção significativa das populações tradicionais, ribeirinhas e de agricultores familiares, limitando-se a projetos pilotos.

Esses projetos fazem circular uma significativa quantidade de informações tanto sobre as características do ambiente em que as comunidades vivem, quanto sobre técnicas produtivas de impacto ecossistêmico moderado. Para comunidades como os assentados do norte de Mato Grosso, muitas dessas informações e técnicas são uma grande novidade – migrantes como são, poucos tiveram tempo de se adaptarem ao novo ambiente, conhecerem suas características, seus ciclos naturais, bem como adaptarem seus conhecimentos ao manejo do novo ambiente. Tendo em mente que o modo de vida migra junto com o colono (COLFERAI, 2009), esta pesquisa tem como objetivo compreender como assentados da Amazônia mato-grossense usam e se apropriam de informações sobre técnicas produtivas de baixo impacto ecossistêmico. Um desafio para o qual o método etnográfico se mostra o mais adequado, como veremos abaixo.

3 O método: etnografia na pesquisa de comunicação e informação

O método etnográfico é tomado de empréstimo da antropologia, cujas principais referências são as etnografias de povos considerados exóticos no início do século XX, tais como as elaboradas por Bronislaw Malinowski e Claude Lévi-Strauss. Michel Angrosino descreve a etnografia como “um método de pesquisa que busca definir padrões previsíveis de comportamento de grupo. Ela é baseada em trabalho de campo, personalizada, multifatorial, de longo prazo, indutiva, dialógica e holística.” (ANGROSINO, 2009, p.34).

Uma descrição densa requer um longo tempo de observação, por isso, José Magnani aponta uma distinção entre prática e experiência etnográfica, que interessa a este

⁴ Esse conjunto de iniciativas é coordenado pela Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável. As informações foram acessadas no endereço eletrônico <http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=138>. Acesso em 14 jul 2010.



trabalho: "[...] enquanto a prática é programada, contínua, a experiência é descontínua, imprevista" (MAGNANI, 2009, p.136). Assim, tomando Magnani, este trabalho se propõe a uma experiência etnográfica de pesquisa sobre os usos e apropriações de informações sobre técnicas produtivas de baixo impacto ecossistêmico por assentados da Amazônia mato-grossense.

Há três instrumentos da caixa de ferramentas do etnógrafo que serão utilizados nesta pesquisa: a entrevista, a observação e o diário de campo, que serão detalhadas a seguir. Para a construção deste trabalho foi necessário realizar uma pesquisa exploratória com a finalidade de testar e ajustar o funcionamento das ferramentas, bem como definir o universo de informantes. Assim, foram realizadas duas incursões de pesquisa no assentamento: uma visita de aproximação entre os dias 19 e 26 de julho de 2009 para apresentar ao projeto, colher a autorização da comunidade para a pesquisa, e coletar dados primários; e a pesquisa exploratória realizada entre os dias 23 de março e 8 de abril de 2010.

3.1 Entrevista em profundidade

Na coleta de informações primárias realizada em junho de 2009 no assentamento, utilizei técnicas básicas de entrevista jornalística, com roteiros estruturados e semi-estruturados, tendo em vista que o objetivo era obter informações gerais para a contextualização da realidade do assentamento. Entretanto, para o objetivo de compreender como os agricultores usam e se apropriam de uma informação, uma simples entrevista estruturada não será capaz de dar conta da complexidade envolvida na questão. Assim, concordo com Jorge Duarte, para quem a entrevista em profundidade – dinâmica e flexível – é mais adequada para pesquisas qualitativas como esta. A partir da classificação de tipos de entrevista proposta por Sellitz et al.⁵, Duarte aponta que “[...] a entrevista em profundidade é extremamente útil para estudos do tipo exploratório, que tratam de conceitos, percepções ou visões para ampliar conceitos sobre a situação analisada.” (DUARTE, 2009, p. 64). Esta pesquisa lidarà exatamente com conceitos, percepções e visões dos assentados.

A entrevista em profundidade ainda pode ser subdividida em aberta e semiaberta, sendo a primeira desencadeada a partir de um tema gerador que inicia uma conversa

⁵ SELLITZ, Claire; WHRIGHTSMAN, Lawrence S.; COOK, Stuart Wellford. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: EPU, 1987.



fluida a partir da qual o pesquisador aprofunda o tema conforme seus objetivos. Já a entrevista semiabertas igualmente flexível e fluida, possui um roteiro temático um pouco mais estruturado, não na forma de perguntas preestabelecidas, mas tópicos a serem abordados. A conversa flui a partir de cada tópico, que o pesquisador explora complementemente antes de ir para o próximo. O roteiro de tópicos, em geral, serve como base para a descrição e análise da entrevista depois (DUARTE, 2009, p.67). Neste trabalho, utilizo preferencialmente as entrevistas em profundidade semiabertas.

As entrevistas são gravadas em áudio sempre, com a anuência dos informantes, a fim de liberar os sentidos da pesquisadora para a observação do ambiente onde são realizadas e as expressões dos entrevistados (hesitações, pausas, risos, constrangimento, etc.), elementos que podem ser importantes para a análise.

3.2 Observação participante

Muitos autores já se debruçaram sobre o tema da observação participante, com diferentes concepções sobre sua empregabilidade e procedimentos, o que gera alguma confusão uma vez que há autores que não diferenciam pesquisa-ação e pesquisa/observação participante como Guy Le Botterf⁶, e outros que estabelecem distinções bastante claras entre ambas, como Michel Thiollent.

Esta modalidade de pesquisa, própria das Ciências Humanas e Sociais, surgiu na década de 1960 e se tornou bastante conhecida junto com a proposta de ação educativa de Paulo Freire. Freire propunha educar a partir da realidade dos educandos, de suas práticas culturais; e afirmava que, pela educação, comunidades pobres poderiam atingir um maior grau de organização social e buscar caminhos para a solução de seus problemas. A pesquisa participante era a ferramenta adequada para oferecer ao educador uma visão realista da realidade dos educando, bem como oferecia aos educandos a possibilidade de analisar sua própria realidade de forma sistemática. Ao longo das décadas seguintes, a pesquisa-ação e a pesquisa participante se desenvolveram em diferentes projetos e propostas, complexificando-se e dando origem a vários modelos teóricos (GAJARDO, 1999). A preocupação com o papel do investigador dentro da situação investigada também perpassa o surgimento destas modalidades de pesquisa,

⁶ Le Botterf acumulou uma experiência de muitos anos como pesquisador e funcionário da Unesco na América Latina, trabalhando com educação popular nos anos 1960 e 1970, bastante alinhado com Paulo Freire. LE BOTERF, Guy. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. p. 51-81. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999. 3a. ed. 2a. reimpressão.



numa crítica de parte da comunidade de pesquisadores à aplicação dos mesmos métodos e objetivos das ditas ciências duras (*surveys*, estatísticas, etc.) aos complexos contextos sociais. Como afirma Thiollent, "Trata-se de estabelecer uma adequada participação dos pesquisadores dentro dos grupos observados de modo a reduzir a estranheza recíproca." (THIOLLENT, 1999, p.83).

Neste trabalho, parto da proposta teórica de Cicília Peruzzo, que, assim como Thiollent, estabelece diferenças entre pesquisa-ação, pesquisa participante e observação participante, e mostra que esta última é um método de pesquisa qualitativa bastante usado na comunicação, especialmente nos estudos de recepção.

Peruzzo afirma que "A pesquisa participante consiste na *inserção* do pesquisador no *ambiente natural* de ocorrência do fenômeno e de sua *interação* com a situação investigada." (PERUZZO, 2009, p. 125, grifos da autora), o que implica na presença constante do observador no ambiente investigado; compartilhamento das atividades do grupo ou contexto investigado; e capacidade do pesquisador de "assumir o papel do outro" (p.126). As mesmas características estão presentes na pesquisa-ação, entretanto, nesta última até mesmo o objeto da pesquisa é definido pela comunidade em que o pesquisador se insere. A pesquisa-ação, portanto, objetiva lidar com um problema concreto demandado pelo grupo.

Já a observação participante pressupõe que o pesquisador se insira no grupo de forma que possa acompanhar e viver a situação estudada, entretanto, sem que se confunda com ele. O pesquisador nesse caso é autônomo, ou seja, o grupo não participa nem interfere diretamente na escolha e delimitação dos objetivos da pesquisa. Para esta autora, a observação participante é sinônimo de pesquisa etnográfica, etnografia de mídia, etnografia de audiência ou etnografia de recepção (PERUZZO, 2009).

Michel Angrosino também estabelece diferenças entre estes tipos de pesquisa, do ponto de vista do papel que o pesquisador pode assumir em campo: observador invisível, observador-como-participante, participante-como-observador, e participante totalmente envolvido. Para o autor, os dois extremos (invisível e totalmente envolvido) apresentam dificuldades éticas: num o grupo pesquisado não sabe que está sendo pesquisado; no outro o pesquisador corre o risco de perder de vista o fato de que, por mais envolvido que esteja com a comunidade, ele sempre será um *outsider*. Por isso, Angrosino recomenda na pesquisa etnográfica os papéis de observador-como-participante ou participante-como-observador:



No papel de observador-como-participante, o pesquisador faz observações durante breves períodos, possivelmente visando a estabelecer o contexto para entrevistas ou outros tipos de pesquisa. O pesquisador é conhecido e reconhecido, mas relaciona-se com os "sujeitos" da pesquisa apenas como pesquisador. [...] O pesquisador que é um participante-como-observador está mais completamente integrado à vida do grupo e mais envolvido com as pessoas; ele é igualmente um amigo e um pesquisador neutro." (2009, p.75)

Assim, a observação participante é uma técnica adequada para esta pesquisa. Tanto por suas características de envolvimento profundo com uma determinada comunidade, sem no entanto tornar-me membro desta comunidade ou ajudá-la a identificar e resolver seus problemas através da pesquisa; bem como pelo tipo de relação pesquisador-informante que pressupõe. O papel assumido nesta pesquisa é de observadora-como-participante, uma vez que observar o uso e apropriação de uma técnica no cotidiano das famílias só é possível convivendo de perto com elas.

3.3 Diário de campo

Não há uma teorização propriamente dita sobre como empreender a técnica de registro em diários de campo. Talvez esta seja uma das mais antigas ferramentas na caixa de pesquisadores, desde os naturalistas que registravam as grandes expedições pelo novo mundo em seus diários. O modo de fazer um diário é muito particular, depende de como cada pesquisador organiza seu pensamento e sua observação do objeto ou comunidade estudados; o lugar onde o pesquisador vai relatar seu dia a dia em campo, informações sobre seus informantes, cenários, ritos, paisagens e acontecimentos. Florence Weber descreve três tipos de diários: o diário de pesquisa, comum a muitas disciplinas; o diário íntimo e o diário de campo da etnografia. Para este último, a autora traz a seguinte descrição:

É no diário de campo que se exerce plenamente a “disciplina” etnográfica: deve-se aí relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados, e também para colocar em dia as relações que foram nutridas entre o etnógrafo e os pesquisados e para objetivar a posição de observador. É, pois, o diário de pesquisa de campo que permitirá não somente descrever e analisar os fenômenos estudados, mas também compreender os lugares que serão relacionados pelos observados ao observador e esclarecer a atitude deste nas interações com aqueles. (WEBER, 2009, p.158)

O diário é o lugar da descrição, não da interpretação, e recomenda-se que se tenha bastante cuidado em limitar-se à descrição detalhada do objeto observado. Michel



Angrosino recomenda que se tenha o cuidado de anotar, durante a observação, os cenários específicos, relação dos participantes, descrição destes, cronologia dos eventos, cenário físico e objetos materiais, comportamentos e interações, conversas ou outras interações verbais (ANGROSINO, 2009). Recomendação que é seguida por Magnani com uma ressalva: o cuidado descritivo não significa o registro exaustivo de detalhes. "Não é a obsessão pelo acúmulo de detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento, voltando à citação de Lévi-Strauss."⁷ (MAGNANI, 2009, p.136).

3.4 Seleção dos informantes

A seleção de uma amostra relevante e adequada é uma das muitas questões delicadas que surgem ao se trabalhar com métodos de pesquisa qualitativa. No caso da etnografia, a seleção da amostra depende de mais fatores do que apenas os relativos às características da própria comunidade em questão. A capacidade do pesquisador de viabilizar sua observação também interfere no tipo de recorte a ser adotado, como afirma Michael Angrosino:

A melhor resposta – ainda que não necessariamente a mais perfeita ou mais definitiva – é que o tamanho da amostra depende das características do grupo que você está estudando, de seus próprios recursos (isto é, suas limitações legítimas de tempo, mobilidade, acesso a equipamento, etc.) e dos objetivos do seu estudo. [...] Sua amostra deve refletir a heterogeneidade do grupo que você está estudando. (ANGROSINO, 2009, p. 68)

Jorge Duarte (2009) aponta que há três formas básicas de seleção de uma amostra: probabilística (sorteio no universo possível de entrevistados); por conveniência (facilidade de acesso); e intencional, na qual os informantes são escolhidos com determinado propósito. Nos estudos qualitativos, é esta última, ou seja, a que depende do julgamento do pesquisador, que costuma ser adotada. Este é o caso para a seleção dos informantes nesta pesquisa, uma vez que o assentamento escolhido possui 408 famílias assentadas, oriundas de diversas regiões e com diferentes aptidões e usos do

⁷ A referida citação, localizada na p.133 do artigo é: "É por uma razão muito profunda, que se prende à própria natureza da disciplina e ao caráter distintivo de seu objeto, que o antropólogo necessita da experiência de campo. Para ele, ela não é nem um objetivo de sua profissão, nem um remate de sua cultura, nem uma aprendizagem técnica. Representa um momento crucial de sua educação, antes do qual ele poderá possuir conhecimentos descontínuos que jamais formarão um todo e, após o qual, somente, estes conhecimentos se "prenderão" num conjunto orgânico e adquirirão um sentido que lhes faltava anteriormente." LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991. p.415-416.



ambiente em que vivem agora.

4 A caracterização do objeto de pesquisa: agroflorestas e assentados

A técnica produtiva de baixo impacto ecossistêmico escolhida como recorte nesta pesquisa é a agrofloresta, ou sistemas agroflorestais. Uma técnica que vem sendo amplamente divulgada como alternativa produtiva viável para a região, sendo inclusive parte uma das ferramentas para reduzir o desmatamento no âmbito do Programa Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG7). É considerada uma técnica “ambientalmente amigável” de desenvolvimento rural, capaz de quebrar o ciclo predominante de corte e queima da floresta para produção agrícola (SMITH, 1998, p. 01).

Assim, os critérios usados na escolha do assentamento⁸ onde a pesquisa é desenvolvida são: ser um assentamento da reforma agrária situado na Amazônia mato-grossense; ter um grupo envolvido com projetos de implantação de práticas produtivas de baixo impacto; estar na área de influência da rodovia Cuiabá-Santarém, que é foco de um conjunto de iniciativas do governo federal reunidas no Plano BR-163 Sustentável.

Escolhi como público a ser pesquisado os agricultores do Assentamento Entre Rios, no município de Nova Ubitatã, por possuírem características típicas da clientela dos assentamentos de reforma agrária da Amazônia mato-grossense: migrantes de outras regiões, assentados em uma área de difícil acesso, e sem assistência técnica regular. Além disso, eles são beneficiários do PPG7⁹, tendo acessado recursos de um edital do Subprograma de Projetos Demonstrativos (PDA) em 2007.

Nova Ubitatã dista 475 km da capital do estado, Cuiabá. O município é fruto do esforço de colonização do centro-oeste e do norte empreendido pela ditadura militar nos anos de 1970. Emancipado em 1986, sua área de 12.694 km² abriga uma população de 7.108 habitantes, 71% deles moradores da zona rural. As atividades econômicas predominantes no município são o rebanho bovino, a produção de soja e a extração madeireira. É um dos 36 municípios de Mato Grosso que mais desmataram sua área de floresta em 2007, tendo sido por isso incluído entre os 36 municípios prioritários para o

⁸ Esta escolha foi feita a partir do conhecimento pessoal sobre a região, fruto de cinco anos de trabalho em uma organização não governamental com atuação na área de influência da BR-163 e bacia do Xingu em Mato Grosso.

⁹ Ser beneficiário de recursos do PPG7 não foi um critério de inclusão pois, embora hajam nove comunidades na bacia do Xingu em MT que acessaram recursos do PDA, esta não é a única fonte de recursos para implantação de práticas produtivas de baixo impacto. Há projetos na região ligados a outros fundos, como a Comissão Europeia.



Governo Federal para ações de prevenção e controle do desmatamento¹⁰.

Existem três assentamentos criados pelo Incra no município, todos com cerca de 10 anos de criação: Cedro Rosa e Santa Terezinha, com cerca de 150 famílias cada; e Boa Esperança I, II e III, com 408 famílias. Este último é situado a 170 km da sede do município e foi criado em 1998, com a desapropriação de três fazendas. Por estar próximo à confluência dos rios Ronuro e Von den Steinen, o assentamento Boa Esperança é mais conhecido por Entre Rios. Por serem parte do bioma Amazônia, as propriedades rurais nesta região devem conservar uma reserva legal de 80% da vegetação nativa, além das áreas de preservação permanente, o que dá para cada assentado a possibilidade de desmatar cerca de 14 dos 70 hectares de seu lote. Poucos possuem a área de reserva legal exigida por lei, motivo pelo qual o assentamento está embargado desde outubro de 2008 pelo Ibama.

Segundo os próprios assentados, a principal fonte de renda das famílias é a madeira vendida em lasca (moirões) para as serrarias¹¹ localizadas na agrovila e no município vizinho, Feliz Natal; seguida pelo gado de corte, criado e engordado no assentamento e geralmente vendido para as fazendas do entorno; e o trabalho como diaristas nessas mesmas fazendas. Horta e lavoura são plantadas para consumo próprio e o excedente é vendido no próprio assentamento e na agrovila. Mensalmente há distribuição de cestas básicas para as famílias consideradas pelo serviço de assistência social do município como em situação de insegurança alimentar e há beneficiários do programa Bolsa Família¹². Os rendimentos de empregados do serviço público e aposentados são uma fonte de renda importante para muitas famílias. O assentamento não possui atendimento de nenhum serviço público de assistência técnica e extensão rural.

5 A seleção de informantes

A escolha das famílias a serem observadas a fim de descrever os usos e apropriações que estes assentados fazem de informações sobre agroflorestas não é uma tarefa simples. Ainda que o critério condicional de inclusão seja que os assentados escolhidos tenham acessado e utilizado informações sobre sistemas agroflorestais, não é possível

¹⁰ A ação é conhecida como Operação Arco Verde, e a lista de municípios está disponível em <http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=ascom.noticiaMMA&codigo=3872>. Acessado em 06 jul 2010.

¹¹ Havia três serrarias operando na agrovila durante a primeira visita em julho de 2009, e apenas na segunda visita, em março de 2010. Isso mostra a alta instabilidade do setor florestal, atuante, em boa parte dos casos, na ilegalidade.

¹² Dados primários recolhidos na primeira visita ao assentamento, em julho de 2009, junto à lideranças, pioneiros e aos serviços públicos locais (escola, posto de saúde).



verificar entre as 408 famílias quais atendem a este critério em um curto espaço de tempo. Dentro deste universo, o recorte escolhido é trabalhar com as famílias ligadas à Associação dos Produtores Rurais da Gleba Entre Rios (Aproger), e mais especificamente àquelas beneficiadas pelo projeto PDA/Padeq, que previu entre suas atividades a implantação de unidades experimentais de agroflorestas. Segundo as informações coletadas na primeira visita ao assentamento, 24 famílias foram envolvidas nessa atividade do projeto, um recorte ainda extenso para uma pesquisa qualitativa. Assim, foi preciso definir os critérios de seleção dos informantes dentre estas famílias.

Tomando por base a classificação proposta por Duarte (2009) já descrita, o segundo critério de seleção de informantes é quanto ao tipo de informação que estes podem fornecer à pesquisa. Duarte indica cinco categorias de informantes: o especialista (pesquisadores, cientistas, gestores, técnicos); o informante-chave (aquele profunda e diretamente envolvido com a questão, cujas informações são essenciais para se compreender o objeto da pesquisa), o informante-padrão (fonte envolvida com a pesquisa, mas que pode ser substituída por outra sem prejuízo caso não seja possível realizar uma entrevista), o informante complementar (fontes surgidas com a oportunidade que não comprometem o resultado caso não sejam entrevistadas) e o informante-extremista (cujo ponto de vista é oposto aos demais, o que pode indicar contradições internas e críticas) (DUARTE, 2009, p.70).

A fase da pesquisa exploratória foi empreendida para identificar, entre as famílias participantes do projeto com recursos do PDA, quais informantes se encaixavam em pelo menos duas categorias: informante-chave e informante-padrão. Para isto, realizei entrevistas semiabertas com pelo menos um adulto de 20 das 24 famílias que tiverem unidades experimentais de agroflorestas implantadas em seus sítios durante o projeto. Não foi possível realizar quatro entrevistas pelos seguintes motivos: uma família não foi encontrada em nenhuma das três visitas que fiz ao lote; uma estava na cidade tratando problemas de saúde de um dos cônjuges; uma estava no Paraná para os serviços funerários de um parente; e o quarto caso não se tratava de uma família, mas de um adulto jovem de cerca de 30 anos que mora sozinho no lote. Ele sofre com problemas de alcoolismo e não se encontrava em condições de ser entrevistado nas duas vezes em que foi procurado.

A partir das entrevistas, identifiquei que há dois informantes-chave, dois informantes-especialistas, uma informante-complementar e 17 informantes-padrão. Essa



identificação foi feita através das respostas dadas pelos assentados sobre como conheceram e como resolvem os problemas de manejo enfrentados nas suas agroflorestas. Segundo os entrevistados, os principais motivadores para a implantação das agroflorestas são os atuais presidente e vice-presidente da Aproger. Na condição de coordenadores do projeto, eles naturalmente são identificados como informantes-chave, uma vez que são os responsáveis diretos pelo cronograma de execução do projeto, animação dos associados para participação, e monitoramento do sucesso das atividades — todos procedimentos e dados exigidos nos relatórios apresentados ao MMA.

Duas fontes foram citadas como especialistas que são consultados sempre que possível: uma engenheira agrônoma que ministrou cursos sobre agrofloresta e acompanha o projeto como consultora desde 2008; e o viveirista da associação, que também é assentado. Este viveirista é citado por muitos agricultores como fonte de consulta sobre seleção de sementes, plantio, manejo e controle de pragas e doenças. Os outros 17 agricultores entrevistados foram classificados como informantes-padrão, pois suas respostas à entrevista foram, de forma geral, semelhantes. Dentre estes, foram escolhidas duas famílias que atendem às seguintes condições: ter a maior área de agrofloresta plantada, ter um aproveitamento diversificado das espécies plantadas.

6 Considerações sobre a aplicação do método

A pesquisa exploratória mostrou que a experiência etnográfica é um método de pesquisa adequado para o objeto de pesquisa em questão, pois vai permitir uma análise aprofundada da relação dos assentados com a descoberta e aplicação de uma nova técnica produtiva, qual o lugar desta técnica em suas rotinas e como as informações recebidas são apropriadas no cotidiano das famílias.

Durante as entrevistas com os assentados que implantaram áreas de agrofloresta já foi possível vislumbrar alguns elementos que possivelmente aparecerão mais claramente na etapa de observação participante. Um destes elementos já percebidos é que, embora os assentados tenham acessado diversas técnicas de implantação de agroflorestas, apenas uma parte destas técnicas foram utilizadas nos sítios. Segundo dados coletados no material informativo que eles possuem armazenados, bem como em entrevista com a agrônoma que ministrou os cursos de sistemas agroflorestais durante a execução do projeto, foram apresentadas técnicas de produção de hortaliças e leguminosas de ciclo



curto integradas à implantação do sistema; plantio com muvuca de sementes¹³; plantio de árvores com mandioca; plantio em forma de mandala¹⁴. Entretanto, a utilização mais comum observada nos sítios visitados é o plantio misto de espécies nativas e frutíferas na forma de pomares, distribuídas em linhas. Em apenas dois casos foi observada a utilização de roda de bananeiras para compostagem e recuperação áreas muito degradadas. Um dos objetivos do projeto era aliar as agroflorestas com o enriquecimento do pasto apícola, mas apenas em dois sítios foi possível perceber essa utilização.

Uma das perguntas feitas a todos os 24 entrevistados consistia em saber se a família tinha agrofloresta plantada. Embora eu só tenha visitado as famílias que o fizeram, o objetivo da pergunta era perceber qual a primeira associação que os informantes fazem com o termo *agrofloresta*. O resultado revelou que para a maioria deles a agrofloresta está associada às palavras *árvore*, *pomar*, *arvoredo*, *cupuaçu* (parece ser a espécie mais plantada) *fruteira* e *reflorestamento*. Apenas quatro entrevistados mostraram uma apropriação mais literal do termo, respondendo à pergunta sem recorrer a sinonímia e completando que tem uma área de agrofloresta implantada perto de casa para o sustento e/ou para restauração florestal em áreas degradadas pelo fogo. Nenhum dos entrevistados afirmou já conhecer a técnica antes do projeto.

Outro ponto questionado foi sobre as expectativas futuras com relação à agrofloresta. Cinco famílias disseram não ter expectativa alguma, implantaram para experimentar e agora avaliam que ela não terá utilidade no futuro. Para os outros 19 entrevistados, as expectativas incluem uma ou mais das seguintes variáveis: geração de renda, garantia de qualidade de vida, segurança alimentar, quebra vento, aproveitamento apícola e reflorestamento. Caberá à próxima etapa desta pesquisa investigar porque as outras variações da técnica não foram apropriadas pelo assentados, no intento de compreender porque faz sentido para este conjunto de assentados implantar áreas mistas de espécies nativas, frutíferas e madeiráveis, mas não o consórcio destas árvores com culturas de ciclo curto e anuais.

¹³ Consiste em misturar determinadas quantidades de tantas variedades de árvores nativas e frutíferas quantas houver disponibilidade e plantar diretamente as sementes em canteiros ou covas.

¹⁴ Plantio em canteiros de formato redondo, com a distribuição de espécies em círculos concêntricos conforme a sua função no sistema (proteção, adubação verde, etc.).



REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- COLFERAI, Sandro Adalberto. **Jornalismo e identidade na Amazônia**. As práticas culturais legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia. Porto Alegre: PUCRS, 2009.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. p.62-82. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante: propostas e projetos. p. 15-50. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **Repensando a pesquisa participante**. 3ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.
- GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. **O discurso do agricultor ecologista sobre a biotecnologia**. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. São Paulo: USP, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 15, n.32, jul/dez de 2009, p. 129-156.
- PERUZZO, Cícilia M. K. Observação participante e pesquisa-ação. p.125-144. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- SHELDRAKE, Rupert. **O Renascimento da Natureza**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1993.
- SMITH, Nigel; DUBOIS, Jean; CURRENT, Dean; LUTZ, Ernst; CLEMENT, Charles. **Agroforestry Experiences in the Brazilian Amazon: Constraints and Opportunities**. The Pilot Program to Conserve Brazilian Rain Forest: Brasília, 1998.
- THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. p.82-103. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **Repensando a pesquisa participante**. 3ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.
- WEBER, Florence. A pesquisa, a entrevista e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 15, n.32, jul/dez de 2009, p.157-170.